

Palavra da Presidente

P. 02 e 03

Nova Diretoria da SPPA

P. 03

CAP

P. 04

Psicanálise e Cultura

P. 05

Atividades Científicas

P. 11

Infância e Adolescência

P. 12 e 13

SMED

P. 13

Revista de Psicanálise

P. 14

Associação de Candidatos

P. 14

Artigo

P. 15

Relações com a comunidade

P. 16



Adiós Maestro: uma homenagem a Ricardo Horacio Etchegoyen

Depoimentos de Romualdo Romanowski e Cláudio Laks Eizirik P. 06 a 10



Filiada à International Psychoanalytical Association
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
Porto Alegre/RS - 90010-210
(51) 3224-3340
www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

Expediente

PRESIDENTE

Maria Lucrecia Scherer Zavaschi

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Eleonora Abbud Spinelli

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETOR CIENTÍFICO

Zelig Libermann

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Tula Bisol Brum

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Katia Wagner Radke

DIRETOR DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Rui de Mesquita Annes

DIRETOR DO INSTITUTO

Carlos Gari Faria

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (coordenador)

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

Clarice Kowacs

Laura Meyer da Silva

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

Ao responder sobre o pedido de autorização para publicar seu desenho, a psicanalista e artista plástica Hilda Catz, Doutora em Psicologia PHD, e membro titular em função didática da Associação Psicanalítica Argentina, respondeu com afeto e carinho que merecem ser ressaltados: "Es un dibujo muy querido que hice durante uno de mis grupos de estudio que durante años tuve con el Maestro. Lo muestro pensando y haciéndonos pensar con profundidad y humildad acerca del psicoanálisis y descubriéndolo cada día."



Maria Lucrecia Zavaschi*

Palavra da Presidente

Ao inaugurar este espaço, na honrosa qualidade de presidente desta instituição, gestão 2016/2017, desejo agradecer aos colegas da gestão anterior, especialmente à presidente Anette Blaya Luz, que soube conduzir com competência as atividades que sustentaram esta casa pelos últimos dois anos. Tem sido uma verdadeira alegria trabalhar em um terreno aplainado com tanto esmero pelos colegas que nos antecederam.

A razão desta Instituição reside em fatos históricos. Foi Sigmund Freud, que debruçado sobre a alma humana, adultos principalmente, inventou um sofisticado corpo de ideias e concepções teóricas, que para distingui-las da psicologia clássica, batizou-a de Metapsicologia. Em decorrência destas pesquisas estabeleceu uma técnica de tratamento muito específica, a psicanálise, que perdura por mais de um século no mundo Ocidental. Tão aceitas foram ideias que contagiaram a Europa, as Américas, e atualmente países como a Rússia, China e Japão.

Uma característica essencial do humano é sua necessidade de seus semelhantes para subsistir. Podemos morrer sozinhos, mas nunca nascer, crescer e desenvolver-nos sozinhos. A própria técnica psicanalítica implica numa relação entre a pessoa real do analista e a pessoa real do analisando, entre o mundo inconsciente do paciente e o mundo inconsciente do analista. É da profunda e íntima relação entre paciente e analista, e da percepção e compreensão dos fenômenos emocionais que se passam entre ambos, aos quais denominou-se de transferência e contratransferência, que se desenrolam novas possibilidades. O alívio das ansiedades presentes, a partir da superação de resistências, possibilita a expansão do ego e consequente crescimento da "pensabilidade" do indivíduo.

Muitas cisões ocorreram já no início do movimento psicanalítico, havendo rupturas significativas. Com o intuito de manter a continuidade das ideias de Freud e na busca de uma certa unidade possível, ele e seus seguidores fundaram a International Psychoanalytical Association (IPA) em 1910.

O contexto da psicanálise hoje é tão rico, e seus desdobramentos tão diversificados, que levaram a alguns de seus pensadores a usarem a expressão: "...uma ou várias psicanálises"? Apesar dos diversos discursos psicanalíticos encontrados hoje, a IPA se constitui de uma legião de 12.757 participantes e mais de 5.570 candidatos. Esta Organização centraliza centenas de instituições, em diferentes culturas, representando uma bússola para os profissionais da psicanálise. As divergências acrescentaram dimensões novas às teorias originais, possibilitando a inclusão de tratamento às populações antes ineleáveis, como pacientes mais graves, "borderline" e crianças. Interesses de outras áreas do conhecimento encontraram interfaces com a psicanálise, como as das artes, história, filosofia. Hoje um grupo de neurocientistas, como Kandell, Damásio, Cozolino, Panksepp e Shore entre outros, encontraram na psicanálise fonte de compreensão para muitos de seus achados. Uma organização de grupos de pares que propicie o encontro de afinidades e compreensão para discordâncias, é condição para que um corpo de ideias se consolide e siga um rumo promissor. Nós, os analistas, também necessitamos de um grupo de pares. Se no passado sua importância foi incontestável, mais relevante é sua existência no presente, face ao mundo contemporâneo, com suas excessivas demandas, borramento de limites, desmesurados apelos de consumo e efemeridade nas relações.

A necessidade do convívio em grupo é ancestral. A qualidade gregária do

A possibilidade de pensamento sem precedentes, e a utilização de um novo tipo de linguagem, permitindo infinitas possibilidades e conexões, nos conferiu uma forma de comunicação excepcional

homem tem raízes pré-históricas. A vida se faz sempre na relação, no estabelecimento de laços. Os agrupamentos humanos permitem que se desenvolvam estratégias de vida, sobrevivência e criatividade. O homem cria sempre em relação e na relação.

Nós, os “Sapiens”, subsistimos entre todas as espécies homo, devido a nossa extraordinária capacidade cognitiva. A possibilidade de pensamento sem precedentes, e a utilização de um novo tipo de linguagem, permitindo infinitas possibilidades e conexões, conferiu-nos uma forma de comunicação excepcional. A capacidade gregária daí decorrente garantiu a sobrevivência e proteção da espécie “homo sapiens”. Em sua fascinante obra “Sapiens, Uma breve história da Humanidade”, Yuval Noah Harari se pergunta como sobrevivemos entre todos os homo, e chega à seguinte aproximação histórica: tendo em vista nossas origens, na passagem para bípedes, pagamos o alto preço de dores nas costas e rigidez no pescoço. Nós, as mulheres, pagamos preço maior, pois o andar ereto requereu que tivéssemos quadris mais estreitos, e tendo cérebros e crânios maiores que outras espécies, como passar pelo canal de parto? Resultado: passamos a nascer precocemente, ou seja, com cérebros ainda em desenvolvimento e muito indefesos.

Consequentemente, criar filhotes humanos tornou-se uma tarefa cada vez mais complexa. As fêmeas jamais poderiam criar seus filhos sozinhas necessitando uma grande rede de apoio para dar conta da tarefa. Talvez daí o ancestral ditado Africano: “Para criar uma criança é necessária toda uma aldeia”. Freud (1938) em sua genialidade disparou aquela máxima que até hoje nos vale de ferramenta para trabalho com crianças e adultos: “A interação entre a mãe e o bebê dá origem a uma relação especial e única, estabelecida de forma imutável para toda a vida”. O desamparo do estado embrionário, ao nascer, se por um lado nos caracteriza como seres absolutamente dependentes, também nos possibilita o constante processo

de aprendizado, construção e desenvolvimento. Seguimos necessitando até o fim da vida de relações que nos vitalizem. O estado embrionário de nossos cérebros nos confere uma plasticidade única entre as espécies. Este estado nos dá esperança de podermos seguir construindo um mundo interno em expansão com processos de elaboração e crescimento. Para migrarmos de um estado de “egocentrismo” na infância, a patamares de “altruísmo” para usar os termos de Winnicott, necessitamos seguir com uma rede de apoio. Necessitamos estar inseridos em uma aldeia. Ela dá sustentação e fornece elementos para a “pensabilidade”.

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, filiada à IPA, vem sendo construída desde 1963 por seus valorosos fundadores. Seu legado nos deixa a responsabilidade de continuar divulgando a Psicanálise e formando novos psicanalistas. Nosso propósito é seguir trabalhando na direção da preservação do mundo interno do indivíduo, da intimidade das relações e do fortalecimento de laços entre pessoas. Ao longo do trajeto enfrentaremos dificuldades, mas o espírito gregário nos fortalece.

A presente edição rende um tributo a Horacio Etchegoyen, que nos deixou no dia 2 de julho de 2016. Quiseram os editores expressar desta forma nosso reconhecimento à sua marcante presença, incentivo e amizade junto à SPPA. Ele foi um psicanalista que cultivou, aprofundou e divulgou a teoria e técnica psicanalítica de forma didática e primorosa. Ele soube cultivar o espírito gregário, sendo o primeiro Psicanalista Latino Americano a ocupar o cargo de presidente da IPA. Agradecemos o privilégio de termos podido conviver com Horacio Etchegoyen, que até o fim de sua jornada trabalhou com entusiasmo e maestria deixando um legado de humanidade a todos nós. Façamos jus a esse patrimônio, que a despeito das adversidades de seu tempo, foi prolífico, criativo e generoso.

** Presidente da SPPA*

Nova diretoria da SPPA é eleita para o biênio 2016/2017



Em janeiro deste ano foi eleita a nova diretoria da SPPA para o biênio 2016/2017. A presidência será exercida pela psicanalista Maria Lucrecia Scherer Zavaschi. Assumem a diretoria os seguintes psicanalistas (foto): Emílio Salle (Diretor Financeiro); Eleonora Abbud Spinelli (Diretora

Administrativa); Carlos Gari Faria (Diretor do Instituto); Katia Wagner Radke (Diretora de Divulgação); Maria Lucrecia Zavaschi (Presidente); Tula Bisol Brum (Diretora de Publicações); Rui de Mesquita Annes (Diretor da Infância e Adolescência) e Zelig Libermann (Diretor Científico).

Direção e suas comissões trabalhando em conjunto

Está em curso na SPPA uma nova gestão que permanecerá nos próximos dois anos. Fazem parte do grupo, presidente, diretores e demais colegas, nomeados em comissões a seguir:

PRESIDENTE

Maria Lucrécia Scherer Zavaschi

DIRETORIA DO INSTITUTO - Carlos Gari Faria (Diretor do Instituto)

Fulgêncio Blaya Perez Neto (Secretário do Instituto)

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Eleonora Abbud Spinelli (Diretora Administrativa), Joyce Goldstein e Luciana Secco

COMISSÃO CIENTÍFICA - Zelig Libermann (Diretor Científico)

Carmem Emilia Keidann, Cláudia Giacomet de Carli, Elena Beatriz Tomasel, Francisca Levy, Kátia Ferreira Jung, Magali Fischer, Neusa Knijnik Lucion, Suzana Deppermann Fortes, Tiago Crestana

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E COMUNIDADE - Katia Wagner Radke (Diretora de Divulgação)

Carlos Augusto Ferrari Filho, Elisabeth Meyer Wolf, Joyce Goldstein, Luciana Secco, Marli Bergel, Magali Fischer, Maurício Marx e Silva, Sandra M. Wolffenbuttel, Victor Mardini

COMISSÃO FINANCEIRA - Emílio Salle (Diretor Financeiro)

Marco Antônio Pacheco, Renato B. Piltcher

COMISSÃO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

Rui de Mesquita Annes (Diretor do DIA)

Alice Bugin, Cristiano Frank, Denise Lahude, Flávia Maltz, Regina Sordi, Suzana Fortes e Vitor Mardini

COMISSÕES DE PUBLICAÇÕES - Tula Bisol Brum (Diretora de Publicações)

COMISSÃO DE BIBLIOTECA - Carmen Schmitt Seibert

COMISSÃO DO BOLETIM ELETRÔNICO - Alda Regina Dorneles de Oliveira

COMISSÃO DA HOMEPAGE - Maria Cristina Garcia Vasconcellos (coordenadora)

Aline Grill Gomes, Denise Steibel, Sandra Regina S. M. Wolffenbuttel

COMISSÃO DO JORNAL - Paulo Berél Sukiennik (Editor)

Clarice Kowacs, Laura Meyer da Silva, Maria da Graça Motta, Nyvia Oliveira Sousa

REVISTA DE PSICANÁLISE - Lúcia Thaler (Editora Chefe), Paulo Oscar Teitelbaum

(Editor Executivo), Denise do Prado Bystronski (Editora de Redação), Suzana Iankilevich Golbert

Conselho Editorial: Cristiano Freitas Frank, Karem Cainelli, Kátia Ramil Magalhães, Marli Bergel, Patrícia Lago, Renato Moraes Lucas, Vânia Elisabete Dalcin, Vera Lúcia Nunes Pereira Lima (Editora de Eventos e Entrevista)

COMISSÃO DO CLUBE DE REVISTA

Carmem Emilia Keidann (Coordenadora)

Flávio de Oliveira e Souza, Ivan Sérgio Cunha Fetter, Manuel José Pires dos Santos, Maria Clélia de Barros Menegat, Maria Regina Limeira Ortiz

DIRETORIA ASSOCIAÇÃO DE CANDIDATOS: Denise Steibel, Cristina Gerhardt Soeiro de Souza, Mariana Benetti Torres

Representante Candidatos Egressos: Francisca Levy

Atendimento em Psicanálise

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) segue em seu vigésimo segundo ano de atividades, ligado ao Instituto de Psicanálise da SPPA, contribuindo para o incremento da experiência clínica em psicanálise. O trabalho desenvolvido pelo CAP ocupa um espaço intermediário que inclui variados eixos de inserção. Prioritariamente ligado ao ensino, mas estendendo-se às interações institucionais, divulgação da Psicanálise e a relação com a comunidade.

A prestação de serviço social à comunidade se dá na medida em que o CAP oferece aos pacientes de baixa renda que chegam ao Centro com indicação para tratamento psicanalítico, a possibilidade de realizá-lo por um valor compatível, acolhidos por membros do Instituto. Os pacientes encaminhados ao CAP que não preenchem critérios de indicação para tratamento psicanalítico são encaminhados para instituições de referência em diversas especialidades como de psicoterapia de orientação analítica, centros psiquiátricos, etc.

O CAP visita regularmente as instituições de ensino, especialmente ligadas às universidades ou conhecidas como referências em suas especialidades, para divulgar o seu serviço e a Psicanálise como método terapêutico, através de esclarecimentos sobre critérios de indicação para análise, junto aos estudantes e professores destes locais, estabelecendo uma relação de reconhecimento mútuo e valorização de diferenças. Ao longo dos anos de trabalho e dedicação de várias gestões do CAP foram desenvolvidos materiais gráficos que contribuem nessa divulgação.

Enquanto parte do Instituto de Psicanálise da SPPA, o Centro contribui para o exercício da prática clínica psicanalítica constituindo uma fonte extra de encaminhamentos para os membros aspirantes, constituindo ainda um espaço de reflexão sobre a

clínica, com reuniões mensais nas quais os casos em atendimento via CAP são discutidos pelo grupo. Fazem parte do CAP os colegas que aguardam encaminhamentos para seus casos de supervisão, realização de trabalho para Membro Associado ou enriquecimento da experiência analítica, e ainda membros associados e egressos que compõem o corpo de trabalho do CAP, contribuindo com sua experiência nas discussões clínicas e teóricas mensais bem como no trabalho de divulgação do serviço.

O CAP está aberto à participação de todos os associados da SPPA para suas reuniões mensais, sempre nas terceiras terças-feiras do mês.

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Instituto de Psicanálise

CENTRO DE ATENDIMENTO
PSICANALÍTICO
CAP

Atendimento a adultos,
crianças e adolescentes

Informações: (51) 3224 3340 com Margaret Dallagnol

www.sppa.org.br • sppa@sppa.org.br



Freud, Plácido Domingo e a Música

Freud, na sua relação com as artes, flertou com a literatura e com a escultura. Bem menos com a pintura. E a música? Em O Moisés de Michelangelo (1914), afirmou que "...com a música, sou incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta."

Uma indignação de Freud frente ao não saber revelado pela reverberação nos afetos que provoca o objeto artístico. Mais do que isso, é possível pensar que esta atitude de Freud componha parte importante da postura técnica na escuta psicanalítica destes tempos. Neste contexto, do positivismo científico da época surge um exercício da psicanálise fora de sua origem, ou seja, da prática clínica e seus fenômenos: a psicanálise aplicada. Este modelo aparece em *Leonardo da Vinci*, de 1910, e em outros tantos escritos que seguem, tendo arte, artista, sociedade e antropologia como objetos do exame psicanalítico. Voltando aos afetos inexplicáveis, sabe-se que somente 40 anos depois a instrumentalização clínica da contratransferência começou a dar um rumo, ainda que parcial, à ressonância emocional no analista que resulta do contato com o paciente. Mas foi com Bion que suportar o não saber, descrito como *capacidade negativa*, tornou-se não só aceitável, mas também condição indispensável ao analista. Ocorre, então, uma profunda mudança paradigmática: a comoção desconhecida diante do objeto, até então incômoda, passa a ser o terreno fértil na prática clínica contemporânea e os analistas estão livres do dilema de Freud. Em 1982, o tenor espanhol Plácido Domingo coordenou uma de suas masterclasses na Philadelphia. No palco, o aluno, o pianista, o mestre e um auditório lotado por músicos. A plateia, identificada com o aluno, compartilha a aprendizagem. Um jovem tenor canta "*Una furtiva lagrima*", ária do personagem Nemorino da ópera *L'elisir d'amore*, de Donizetti. Domingo ouve atento o fantástico desempenho vocal e faz algumas observações com sua peculiar amabilidade, ciente do peso de suas críticas na carreira do músico. Falando em inglês, Domingo observa que o texto da ária

é em italiano e que a plateia de língua inglesa pouco compreende as palavras. Ainda assim, propõe que seu aluno retorne à ária e interprete seu texto de modo que, desta vez, todos saibam do que se trata, mesmo não entendendo as palavras. Para tal, Plácido assinala o fraseado, a dinâmica, a empatia a Nemorino, a expressão facial. A ária é repetida, e o que foi uma espetacular performance vocal torna-se a expressão de afetos indizíveis e de forte impacto emocional. Os apontamentos de Domingo, na sua forma e conteúdo, inspiram uma reflexão

"A fala de paciente e analista possui forma além de conteúdo: possui melodia, ritmo, dinâmica, fraseado; inclui a respiração e o silêncio grávido de sons..."

que transcende a música. O pensamento clínico contemporâneo em psicanálise tem sido caracterizado por ocupar-se para mais além das palavras. Ou para mais além, dependendo do ponto de vista. Configura, entre outras coisas, a instrumentalização de afetos sem nome, sensibilidade ao campo intersubjetivo, oscilação entre momentos de assimetria e simetria na relação paciente-analista, o mistério incognoscível tomando o lugar do segredo, exigindo um analista "poliglota" e uma escuta polissêmica. Eu acrescentaria, polifônica. De igual forma, a música, como visto por Domingo, ocupa-se com forma, respiração, ritmo, consonância e dissonância, melodia da fala, dinâmica, fraseado e com o campo intersubjetivo entre o artista e o público. A música é a arte de natureza mais "gasosa"; já que não pode ser tocada nem vista e, talvez por isso, existe com eloquência de emoções e multidimensionalidade, ilustrando muito bem um conjunto invisível de fenômenos típicos em nossos consultórios cujo reconhecimento torna-se indispensável na prática



Flávio de Souza*

atual da psicanálise. Quem já não ouviu uma música e transportou-se à quarta dimensão espaço-tempo, revivendo por instantes o encontro com um antigo objeto amoroso como se fosse aqui e agora? Fenômeno comum da prática psicanalítica nas mentes do analista e do paciente, ou entre os dois, tornando vívida a experiência transferencial e seus correlatos. A fala de paciente e analista possui forma além de conteúdo: possui melodia, ritmo, dinâmica, fraseado; inclui a respiração e o silêncio grávido de sons (Cage). Não foi possível reduzir a música à psicanálise aplicada em Freud pela sua natureza multidimensional. Mais além, ela apresenta-se hoje como um paradigma para refletir sobre a complexidade da clínica. A música aplica-se à psicanálise, e não o seu contrário. Felizmente, Freud falhou em explicar sua comoção ao ouvir música. Na contramão do ideal psicanalítico, teria cometido uma "psicosíntese" se assim o fizesse, um reducionismo de Procusto dada à riqueza desta arte. Pensando novamente sobre a música lírica, observamos que os desenvolvimentos no mundo da ópera articulam algo familiar aos analistas. Segundo o barítono Carlos Rodríguez, no passado da ópera, a ênfase centrava-se na voz e seu domínio técnico. Desde que a voz fosse boa, pouco importava se a Mimi de *La Bohème* (Puccini) morresse de tuberculose em seu leito interpretada por uma vigorosa soprano de 120kg. A menor ênfase cênica redundava com frequência em incoerência entre personagem e cantor e, ao natural, ilegitimidade. Atualmente, além do canto, a competência e a coerência na ênfase cênica exigem cantor e personagem integrados: a arte aproxima-se da vida real, uma interpretação verdadeira aproxima o contato com o público e legitima as emoções. Para os analistas e os cantores líricos contemporâneos, a tarefa torna-se árdua e rica: a empáfia de divas ou a repetição de clichês não é mais suficiente. Ganhamos num campo mais legítimo e no aprofundamento do invisível mundo dos afetos de pacientes, analistas e no singular resultado deste encontro musical.

*Psicanalista. Membro Associado da SPPA

Psicanálise perde Horacio Etchegoyen

O mundo da psicanálise perdeu recentemente um de seus grandes expoentes

No último dia 2 de julho, morreu Ricardo Horacio Etchegoyen, um dos psicanalistas argentinos mais reconhecidos internacionalmente. Primeiro latino-americano a presidir a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), foi membro fundador da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), e foi seu primeiro presidente. Abaixo, uma síntese preparada por Laura Meyer da Silva, membro do Conselho Editorial do Jornal.

Ricardo Horacio Etchegoyen, médico psiquiatra, psicanalista, professor, homem admirável, que muito realizou pela Psicanálise latino-americana e mundial. Nasceu em 13/01/1919 na província de Buenos Aires, Argentina. Faleceu em 2/7/2016 em Buenos Aires aos 97 anos. Apesar da idade continuava contribuindo dando seminários na Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

Identificado com o pai e o irmão Juan Carlos ingressou na Faculdade de Medicina em La Plata. Casou-se aos 25 anos com Élide com quem teve três filhos: Alicia, Laura e Alberto. Fez a formação psicanalítica no Instituto da Associação Psicanalítica Argentina. Junto com seu irmão, neurologista e neurocirurgião, fundou em La Plata a Clínica Psiquiátrica Charcot. Foi professor de Psiquiatria e Psicologia Médica na Faculdade de Medicina da Universidade de Mendoza. Seu primeiro analista foi Lucio Roscovski.

A influência mais importante que sofreu foi de Racker, seu segundo analista, mas também contou com outras importantes como: Pichon-Rivière, Marie Langer, David Liberman e León Grinberg, segundo a apresentação de David Zimmermann, no livro: Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Foi aprovado em um concurso universitário, mas não foi nomeado. Este fato determinou seus estudos em Londres como bolsista da OMS retornando posteriormente

para Buenos Aires e não mais para Mendoza. Ficou durante um ano em Londres trabalhando na Tavistock. Fez reanálise com Donald Meltzer. Estudou com Herbert Rosenfeld, Betty Joseph, Hanna Seagal e Sidney Klein e fez supervisão com Esther Bick.

Sentia-se um analista de tendência kleiniana, mas compreendia a importância de avaliar as vantagens e desvantagens de cada posição teórica. Foi o primeiro presidente latino-americano da International Psychoanalytical Association (IPA) em 1991. Membro fundador da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA) e também seu primeiro presidente.

Esteve na SPPA três vezes, a primeira em 1978, quando participou do "Diálogo sobre as Perversões", juntamente com Janine Chasseguet-Smirgel. A segunda em 1982 e a terceira em 1983 como Coordenador Científico da FEPAL, quando desenvolveu programas científicos proferindo conferências, seminários e supervisões. Em 1987, em Canela, no XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, atual FEBRAPS, foi o primeiro convidado internacional, juntamente com Dr. Harold Blum, para participar do Congresso, quando coube à SPPA organizar tal evento. E em 2000, em Gramado, no Congresso Latino-Americano de Psicanálise da Fepal.



A influência mais importante que sofreu foi de Racker, seu segundo analista, mas também contou com outras importantes como: Pichon-Rivière, Marie Langer, David Liberman e León Grinberg

"Me llamó la atención al enseñar, y también al escribir, que si se estudia la técnica con seriedad y hondura, más tarde o más temprano se llega inevitablemente a la teoría...La complejidad de la situación analítica es tal que pocas veces pueden darse reglas fijas. En la praxis analítica, la única receta válida frente a una situación dada es compulsar y contrastar todos los elementos de juicio disponibles y elegir luego el camino que nos parezca más conveniente, sabiendo que cada momento es irrepetible e incomparable. No puede haber, por cierto, una praxis que no se sustente en la teoría, y ningún psicoanalista duda de que entre teoría y práctica hay un camino de ida y vuelta, de que una realimenta, enriquece y depura a la otra; pero yo tengo, además, la viva impresión, aunque tal vez me equivoque, de que si partimos de la práctica podemos abordar mejor los problemas teóricos que cuando estudiamos y comparamos las teorías entre sí..."

R. Horacio Etchegoyen (Fundamentos de la técnica psicoanalítica)



Horacio, Adeus!

*"morir es una costumbre
Que sabe tener la gente"*

Estes são uns versos do "gaúcho" Jorge Luís Borges transfigurados pelo "gaúcho" Vitor Ramil na maravilhosa e trágica milonga, que neste momento escuto. Penso em um amigo que se foi.

Utilizo esse empréstimo de sons e de pensamentos, sem pedir licença a seus autores, para aludir à ligação, o entrelaçamento, entre Horacio (como Etchegoyen preferia ser chamado pelos amigos) e nossa gente gaúcha. Horacio, assim como a SPPA, iniciou sua trajetória junto à APA, dirigindo-se depois (também como nós) preferentemente, à APDeBA. Esses laços iniciais, entretanto não foram para sempre cortados.

Ele agora não escapou deste costume "que sabe tener la gente"... inevitável, sabemos. Não concordamos contudo, com o fato que Horacio acabasse como todos os comuns. Discordância inútil! Fique então claro que escrever sobre ele não pode ser apenas, ou especialmente, a menção de seu indiscutível e por todos conhecido, valor profissional. Isso seria igualá-lo aos comuns. A rápida e simples busca em um computador fornecerá a lista de suas produções, atividades institucionais e prêmios. A tarefa árida de relacionar suas produções cabe a um imenso e impessoal "curriculum vitae" que é acessível a todos, mas não retrata sua pessoa cheia de vida e de amor. Algumas de suas obras vão ser mencionadas adiante, entretanto será dada ênfase preferentemente a poucas determinadas que nos tocam.

Criar novas ligações e preservar as antigas,

**Criar novas ligações e
preservar as antigas,
eis um traço saliente
deste psicanalista
emérito, agora
passado para a
página das memórias**

eis um traço saliente deste psicanalista emérito, agora passado para a página das memórias.

O convite da ABP (Associação Brasileira de Psicanálise, atual FEBRAPS), então dirigida por membros da SPPA, para que ele fosse um dos dois primeiros convidados oficiais a um congresso brasileiro (o XI Congresso Brasileiro de Psicanálise em 1987, realizado em nossa serra) foi um marco. Iniciou-se ali longa amizade entre Horacio e a SPPA, depois sempre tão preservada por ambos os lados. O outro convidado oficial foi o norte-americano Harold P. Blum. Isto já era indício de nossa vocação local para o pluralismo psicanalítico. Etchegoyen e Blum participaram de discussões de alto nível em sessões plenárias lotadas. Conseguiram mostrar seus postulados teóricos muitas vezes divergentes, mas em um clima constante de compreensão e de aceitação de ideias aparentemente conflitantes. O conflito podia ser científico, mas nunca pessoal. Respeitavam-se tanto em público como no bar do hotel, nas conversas noturnas divididas com alguns mais próximos. Não é tão comum este tipo de encontro respeitoso entre dois pensadores de correntes distintas, mesmo entre analistas renomados. Poder-se-ia até chamar de tertúlias as conversas mantidas naquelas noites. Este respeito por ideias contrárias serve de demonstração concreta do que ele escreveu no primeiro capítulo do seu livro "Un ensayo sobre La interpretación psicoanalítica": "Na psicanálise, o termo 'interpretação' tem mais prestígio que precisão e está carregado de conotações ideológicas, o que não é bom nem para a teoria, nem para a prática". Ele era coerente, atitudes e escritos, harmonizavam-se.

A partir daí, quantas vezes nos visitou e participou de iniciativas nossas? O número é grande, como grande também foi o enriquecimento que nos trouxe em todas as atividades compartilha-



Romualdo Romanowski*

das. Não era tão somente um entusiasmante contato intelectual. Em cada visita o envolvimento afetivo estava presente e nos aquecia.

O seu livro mais internacionalmente conhecido, "Fundamentos da Técnica Psicanalítica", teve o lançamento da edição em português naquele XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado no então recente Hotel Laje de Pedra em Canela.

Depois de exercer a vice-presidência da IPA, foi eleito Presidente de 1993 a 1997.

Os Congressos internacionais iniciaram-se em 1911 e foi apenas na 37ª edição que foi escolhido um latino-americano: Ricardo Horacio Etchegoyen. Esta demora em reconhecer o desenvolvimento e credibilidade da psicanálise no continente sul-americano coloca-o como figura pioneira ímpar e ressaltam sua importância. Muitas realizações marcaram sua permanência de quatro anos na presidência. Saliento uma que veio a exemplificar a colaboração da SPPA no trabalho e amizade indispensáveis para concluir com sucesso uma tarefa. Refiro-me à sua decisão em 1990, de estudar a formação de um Sponsoring Committee (posteriormente, Liaison Committee) para a Asociación Psicoanalítica Colombiana (APC), com vistas a solucionar um problema que se arrastava por cerca de 30 anos e que era conhecido na IPA como "Anomalia Histórica". Era ele então Presidente da Comissão de visita da IPA à APC. Em 1994, já Presidente da IPA, designou o Sponsoring Committee planejado antes, ficando a direção do mesmo a cargo de um membro de nossa Sociedade. Tratava-se de organizar, estruturar, avaliar e buscar o reconhecimento como sociedade de um grupo de analistas colombianos que em tudo trabalhavam segundo os melhores padrões psicanalíticos técnicos e éticos, seguindo as

*Psicanalista Didata, Membro Efetivo da SPPA

mesmas normas exigidas oficialmente para a formação analítica. Suas pretensões e apelos chocavam-se, entretanto, com a oposição oficial de acolhê-los devido a uma determinação da IPA de não reconhecer “sociedades que se haviam separado em litígio com a original!”. Graças à sua iniciativa, esta “anomalia histórica” foi resolvida e a tão demorada, esperada e trabalhosa aceitação da APC como Membro Componente foi, em 2004, finalmente obtida. Etchegoyen, em decorrência disto, foi agraciado com o título de Membro Honorário da APC.

Não se recusava a incentivar iniciativas que visassem a divulgar a psicanálise. Esteve, por exemplo, na II Jornada do CEPSC em Florianópolis em 1998, evento para o qual aceitou participar convidado pela SPPA.

Suas contribuições para o estudo da psicanálise abarcam quase todos os campos e seria difícil dizer-se o que ele não estudou e acrescentou de conhecimentos: teoria, técnica, ética, epistemologia, etc. Não se pode nunca esquecer que a figura afetuosa e confiável não perdia nada para a figura científica. Enfim, o espaço é pequeno, o assunto é vasto e a saudade também.

Termino com a poesia de Borges citada no início e que, Horacio que tanto construiu, poderia ter recitado em seus últimos dias:

*Y sin embargo me duele
Decirle adiós a la vida
Esa cosa tan de siempre
Tan dulce y tan conocida*



Romualdo Romanowski e Horacio Etchegoyen no XI Congresso Brasileiro de Psicanálise em Canela, outubro de 1987

Não se pode nunca dizer que a figura afetuosa e confiável não perdia nada para a figura científica



Ao responder a uma pergunta sobre que recomendações daria aos analistas iniciantes, Horacio Etchegoyen enfatizou, ao entrevistador do Boletim da Sociedade Peruana de Psicanálise em setembro de 2011, que defendam mais esse método! Que tratem de fazer que os pacientes marchem com continuidade, que reflitam que o método exige uma continuidade, um contato! Que os analistas lutem mais pelo método apesar da cultura atual não os favorecer, não os apoiar...



Cláudio Laks Eizirik*

A presença de Horacio Etchegoyen

Quando recebi uma mensagem, na manhã de sábado, informando que Horacio Etchegoyen havia morrido na noite anterior, aos 97 anos, ao lado da tristeza, começaram a vir à memória fatos, encontros, leituras, situações pessoais e institucionais.

Nos dias seguintes, numerosas manifestações das principais instituições psicanalíticas relatavam suas realizações e lamentavam sua morte, destacando seu legado. Horacio foi uma poderosa presença.

Quando a Lucrecia e o Berel me pediram para escrever um depoimento, pensei que seria interessante relatar alguns episódios não contados em livro, como diria o Drummond.

Minhas primeiras lembranças de Horacio são de suas visitas a nossa sociedade, quando apresentava conferências usando os textos que fariam parte de seu livro Fundamentos de Técnica Psicanalítica, e dava supervisões. Sua forma de apresentar revelava uma ampla cultura psicanalítica, partindo de Freud e dos clássicos, para chegar ao território em que se movia com ampla liberdade e conhecimento, a teoria e a técnica kleinianas, sempre com exemplos clínicos. Abordava também contri-

de Horacio, respondeu: você não acha que ainda é cedo demais para ter um latino-americano nesta posição? Era claro que eu não achava, mas me surpreendi com essa reação, partindo de quem o conhecia muito bem. A outra situação ocorreu em julho de 1993, no Hotel Sherlock Holmes, em Londres. Eu era um dos 21 membros eleitos para a Casa dos Delegados, um órgão recém instituído, para criar um contraponto ao então todo poderoso Conselho Executivo. Na reunião de instalação, presidida por Horacio, era visível a tensão com seu antecessor, e um clima algo hostil por parte de vários analistas europeus e norte americanos. Mas Horacio, acostumado a desafios e confrontos, dirigiu a reunião com firmeza, e sua atitude foi um exemplo e um estímulo, que nos ajudou a ter uma presença também firme e ativa na Casa dos Delegados e em futuras situações.

Como presidente da IPA teve um papel central na democratização da instituição. Até então, as atas do Conselho Executivo eram do conhecimento apenas de seus próprios componentes. Horacio decidiu e conseguiu aprovar a ampla circulação das mesmas entre todos os membros, prática que segue vigente até hoje, garantindo transparência e uma estrutura mais democrática. Na sua primeira visita à sede da IPA, Londres, Horacio estava observando a galeria de fotos dos ex presidentes, quando se deu conta de que faltava a foto de Ferenczi. Ninguém sabia explicar tal omissão, mas ficou evidente que era uma herança do passado em que Jones se opusera a ele de forma violenta. Horacio determinou que a situação fosse resolvida, e hoje lá

está, no lugar que lhe cabe como ex-presidente, Sandor Ferenczi.

Duas outras áreas a que Horacio se dedicou foram sanear a situação financeira até então deficitária, e ampliar a relação com as sociedades componentes, em especial as pequenas, e enfrentar corajosamente a situação ainda não resolvida do caso Lobo-Cabernite, encontrando uma solução possível, dentro dos preceitos da instituição.

Alguns anos mais tarde, em 2003, na campanha para o que seria a segunda presidência latino-americana, Horacio convidou-me para uma reunião com um grupo de analistas argentinos, em Buenos Aires, para expor planos, e ouvir sugestões. Em meio a uma troca de ideias, perguntas e respostas, ele de repente me olha e diz: Mas tem uma coisa: Maradona é melhor do que Pelé! Seguiu-se um silêncio incômodo, de aparente gravidade,

até que por fim, batendo levemente na mesa, respondi que jamais, que Pelé era e sempre seria melhor do que Maradona, como se dissesse que há coisas inegociáveis. Seguiram-se risadas, a maior delas de Horacio, que disse que sim, claro, Pelé era mesmo melhor, mas que queriam ver até que ponto eu seria capaz de ir para conseguir seu apoio. Esse episódio é

revelador da capacidade de humor de Horacio, ao encontrar tiradas rápidas e engraçadas, mesmo em situações tensas. Uma vez, perguntado se conhecia Melanie Klein durante seu período de análise e supervisões em Londres, respondeu que ela já havia morrido, então, e

*Psicanalista Didata, Membro Efetivo da SPPA

**Mas tem uma coisa:
Maradona é melhor
do que Pelé!**

buições de outros autores até então recentes, de forma crítica, não evitando as controvérsias. Mas, como vim a observar e sentir mais tarde, sem deixar de se posicionar de forma clara e firme.

Alguns anos mais tarde, em 1993, Horacio foi eleito presidente da IPA. Sendo o primeiro latino-americano a chegar a essa posição, contava com total apoio de nossa região. Mas teve que enfrentar resistências e oposições. Vou dar dois exemplos. Uma ilustre analista inglesa com quem eu comentava com entusiasmo a eleição



.....
Horacio Etchegoyen e Cláudio
Eizirik em encontro em
Buenos Aires em 1999

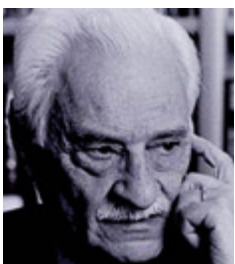
que eram duas pessoas que gostaria de ter conhecido, Melanie e Carlos Gardel. Mas qual delas mais, perguntaram. E ele, com sua risada característica: Gardel, por supuesto!

Muitas vezes, quando ia a Buenos Aires, hospedava-me num hotel que ficava em frente ao edifício, onde morava, com sua esposa Elida, e tinha o consultório, na Calle Posadas. Sempre que possível eu o visitava, ou havia reuniões com outros colegas, em sua casa, ou em algum café da vizinhança. Horacio gostava de contar histórias. Foi dele a primeira referência que ouvi a Funes, o memorioso, aquele incrível personagem de Borges, a quem depois Ogden estudou num belo trabalho. Dele também ouvi passagens de sua análise com Racker, que considerava a mais marcante influência em sua carreira analítica. E de sua carreira como psiquiatra, seus professores e amigos (como Liberman tocando piano num café, para ganhar a vida, enquanto lia psicanálise), a formação da APdeBa, e muitas outras. Estava sempre extremamente bem informado sobre o que ocorria no mundo, no

Perguntado sobre duas pessoas que gostaria de ter conhecido, Melaine Klein e Carlos Gardel. E ele, com sua risada característica: Gardel, por supuesto!

futebol, no tango e naturalmente na psicanálise.

Como é inevitável nos convívios institucionais, algumas vezes estivemos em posições antagônicas. Horacio, nessas ocasiões, não escondia sua contrariedade, mas tentava suavizá-la com algum apelido gracioso, ou comentário irônico. Mas o que nunca faltaram foram os conselhos baseados em sua vasta experiência e sabedoria, nem o estímulo afetuoso, ou o elogio generoso. Assim, lá estava ele no Rio de Janeiro, com seu sorriso, seu beijo e seu abraço no início da segunda gestão latino-americana. Embora não pudesse estar presente, sua filha Laura, analista como ele, representou-o quando tivemos a emoção de elegê-lo, em Chicago, em 2009, Vice-presidente Honorário da IPA. Não estará presente, em pessoa, quando sua querida discípula Virgínia Ungar assumir a terceira presidência latino-americana da IPA, em Buenos Aires, em julho de 2017. Mas estará nos corações e mentes de todos os que tivemos o privilégio de conviver e desfrutar a estimulante e afetuosa presença de Horacio Etchegoyen.



“Freud advertiu-nos, sabiamente, sobre à compulsão à repetição que pode afetar as pessoas, as instituições e os governos. Não foi só isso que Freud disse. Uma das citações favoritas que meu pai nos recorda é que não existe somente a repetição como fator negativo, mas há o fator positivo, da voz da razão, que também se faz presente na vida social. Como o próprio Freud falou, a voz da razão é frouxa, mas não descansa até se fazer ouvir. Nesse sentido podemos nos manifestar contra a compulsão à repetição e contrapô-la com a voz da razão”. *Trecho retirado da carta lida no Congresso da IPA em Chicago em 1999, pela sua filha e psicanalista Laura Etchegoyen. Neste congresso encerra-se a gestão de Cláudio Laks Eizirik como o segundo presidente da IPA latino-americano, após Etchegoyen, e primeiro brasileiro a ocupar o cargo.*

Novos espaços para a promoção da psicanálise

A SPPA, entre os objetivos que a definem, tem dois vértices importantes: a formação de novos psicanalistas e a promoção da Psicanálise através da apresentação de ideias e de debates sobre os temas da atualidade tanto no que se refere ao movimento psicanalítico quanto à sociedade em geral.

A meta inicial da nova Diretoria Científica é dar continuidade ao trabalho exercido pelos colegas que antecederam e também buscar novos espaços para a promoção da Psicanálise.

Assim, a atividade inaugural do ano científico da SPPA foi a conferência "O caótico século XXI", proferida pelo professor Paulo Visentini, atividade que manteve a tradição de iniciar a programação com profissionais de outras áreas do conhecimento humano, visando à integração da Psicanálise com outras ciências. Na oportunidade, o professor Visentini abordou as raízes da crise atual do mundo contemporâneo e a contradição que o caracteriza: o grande desenvolvimento tecnológico convivendo ao lado de inúmeras manifestações de violência e de retrocesso no relacionamento entre as nações.

Ao longo destes primeiros meses do ano, o calendário científico desenvolveu-se através de atividades mensais voltadas aos membros da SPPA, e pela discussão sobre "Impasses Contemporâneos na Psicanálise da Infância e Adolescência", ocorrida durante o XXV Simpósio organizado pela Diretoria da Psicanálise da Infância e da Adolescência.

No segundo semestre, continuando com mais uma tradição da SPPA, serão recebidos colegas de outros centros para o debate de temas da atualidade profissional. Nos dias 16 e 17 de agosto, em uma promoção conjunta com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, a SPPA receberá o Dr. Stefano Bolognini, psicanalista italiano, atual Presidente da International Psychoanalytical Association (IPA).

Entre 20 e 22 de outubro, o Dr. Dominique Scarfone, psicanalista de Montreal (Canadá), visitará a Sociedade para proferir conferên-

cias e participar de debates clínicos. Já em novembro, no dia 22, os psicanalistas terão a oportunidade de debater temas teóricos e clínicos de psicanálise com o Dr. Howard Levine, psicanalista norte-americano de Boston.

Além desses eventos já consagrados no calendário científico, a SPPA firmou parceria com a Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (APRS) para a realização de atividades conjuntas visando à integração dos conhecimentos psicanalíticos e psiquiátricos. Essa aproximação foi muito bem-vinda. Ela se insere na busca da Sociedade por contato com outras entidades da área da saúde, propiciando a troca de ideias e de experiências e a reafirmação da Psicanálise como um método terapêutico para o sofrimento humano fundamentado no arcabouço teórico de entendimento da mente que ela representa.

Com resultado dessa parceria, a SPPA já está participando de duas iniciativas junto à APRS. A primeira foi a indicação de psicanalistas para o programa APRS Supervisora, cujo objetivo é oferecer orientação de psicoterapia de orientação psicanalítica para os membros da Associação de Psiquiatria que desejarem participar de grupos de supervisão. E a segunda, a realização do curso "Transtorno Borderline: Abordagem clínica e terapêutica", que se iniciará em setembro próximo e se estenderá até dezembro, com frequência quinzenal.

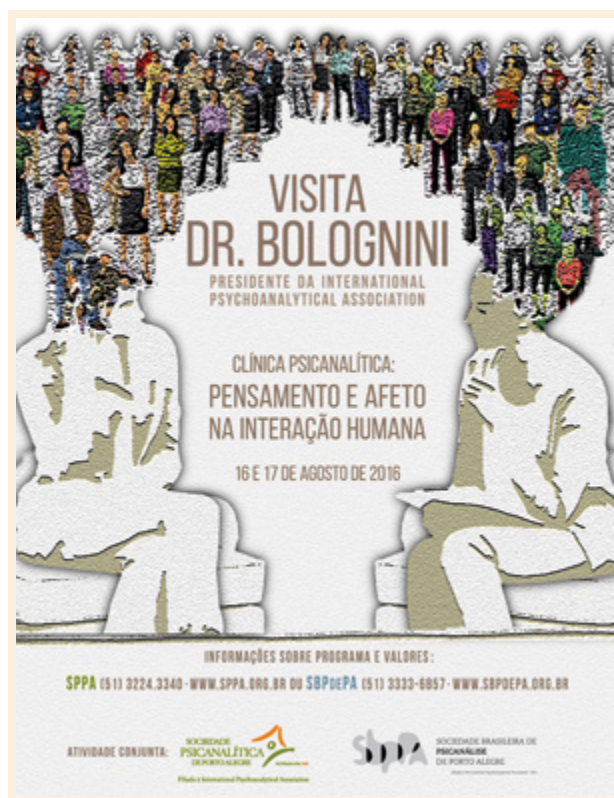
Neste ciclo de estudos será apresentada a visão psicanalítica a respeito dos seguintes tópicos: diagnóstico, aspectos psicodinâmicos, transferência e contratransferência e terapia de orientação psicanalítica. O curso contará ainda com as abordagens psicofarmacolô-

gica e hospitalar para esse tipo de paciente, a cargo de associados da APRS.

Como se pode perceber a partir desse relato sobre as atividades que constam no calendário científico, espera-se dar continuidade aos resultados obtidos por todos aqueles que antecederam o atual grupo nessa função, com o objetivo de manter a SPPA viva em seu objetivo de desenvolvimento da Psicanálise.

Com essa tarefa de promover a Psicanálise, a Diretoria Científica representa um grande desafio. E por isso, gostaria, em primeiro lugar, de agradecer a confiança em mim depositada pela colega Maria Lucrecia Zavaschi, presidente da SPPA, ao me convidar a exercer essa desafiadora e ao mesmo tempo gratificante tarefa.

E também desejo agradecer aos colegas Carmem Keidann, Cláudia Giacomet de Carli, Elena Tomasel, Francisca Levy, Katia Jung, Magali Fischer, Neusa Knijnik Lucion, Suzana Fortes e Tiago Crestana que aceitaram participar dessa jornada como membros da Comissão Científica.



Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência chega à 18ª edição

De 2 a 4 de junho realizou-se o XVIII Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência. O tema "Impasses Contemporâneos na Psicanálise da Infância e Adolescência" reuniu mais de cem participantes, dos quais 48 não vinculados diretamente à SPPA, profissionais de áreas afins, estudantes e interessados pelo tema do simpósio, tradicional evento anual da Diretoria da Infância e Adolescência da SPPA.

A convidada do evento foi a psicanalista argentina Clara Nemas, da *Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires – APdeBA*, que brindou a todos com seu conhecimento, experiência e reconhecida amabilidade. Atenta às mudanças com que se defronta a clínica psicanalítica atual, Clara Nemas reforçou sua crença no vigor do pensamento psicanalítico e da prática atual para dar conta dos problemas da contemporaneidade. Suas duas conferências: "Da Observação de Bebês à Interpretação Psicanalítica" e "O que diz o Psicanalista Contemporâneo sobre o Adolescente e para o Adolescente", foram coordenadas por Lucrécia Zavaschi e Paulo Berél Sukiennik.

O colóquio e a entrevista com a convidada, coordenados por Lucia Thaler e equipe da Revista, entusiasmaram a todos pela espontaneidade dos participantes, suscitando importantes discussões. Foram feitas duas supervisões coletivas com Liliana Soibelman apresentando um caso de criança e Ana Cristina Toffani, de adolescente. A coordenação foi de Maria Elizabeth Cimenti e Maria Geraldina Viçosa, com ótimas intervenções da mesa e participantes. A oficina "O Pequeno Tirano Interno", contou com Clara Nemas e Marlene Araújo debatendo com a platéia facetas teórico-clínicas do trabalho psicanalítico com crianças, adolescentes e pais no dia a dia.

A conferência "Impactos que Geram Impasses Frente à Vulnerabilidade Psico-social", coordenada por Mery Wolf e apresentada pelas colegas representantes dos Projetos de Inclusão Social SMED e Pescar, Denise Lahude e Josênia Heck Munhoz, foi outro ponto alto do encontro, com comentários da professora Tânia Galli Fonseca que provocaram comovidas participações dos



Atenta às mudanças com que se defronta a clínica psicanalítica atual, Clara Nemas reforçou sua crença no vigor do pensamento psicanalítico e da prática atual para dar conta dos problemas da contemporaneidade



presentes. As já tradicionais mesas de temas livres do simpósio contaram com seis trabalhos de acadêmicos de psicologia e residentes de psiquiatria, e animadas discussões despertadas pela qualidade dos mesmos. O evento e seu belo legado de experiências científica e emocionalmente significativas foi encerrado no final da manhã de sábado, ao som de "The sound of Silence", de Simon e Garfunkel.

América Latina discute Autismo/Espectro Autista

O grupo da Diretoria da Infância e Adolescência foi convidado a elaborar uma carta contendo a nossa posição relativa às abordagens atuais das patologias de subjetivação na Infância.

Essa carta se somará a outras cartas das diversas sociedades latino-americanas que constituirão a Declaração de Cartagena, que será lançada no Congresso da FEPAL em setembro: "O grupo da Diretoria da Infância e Adolescência da SPPA, solicitado a participar deste importante momento da construção e consolidação de posições científicas, sociais e políticas no âmbito da saúde mental da infância e adolescência, vem manifestar a sua forma de pensar e contribuir com a Declaração de Cartagena. Fazer frente à problemática que diz respeito a patologias graves como o autismo e os chamados transtornos do espectro autista, implica entrar em contato com um conjunto de conhecimentos que atravessam vários campos científicos.

Reduzir estas patologias a uma causalidade puramente orgânica, negando a hipótese de uma etiologia multifatorial pode encobrir a enorme dor de entrar em contato com o mundo de uma

criança autista ou com severo déficit de subjetivação. Recentemente, temos acompanhado uma série de questões e até condenações sobre a eficácia do tratamento psicanalítico para crianças com essas patologias. Equívocos no enfrentamento da questão e intrusão de interesses que estão aquém da preocupação e do cuidado efetivos com essas crianças têm contribuído para a fragmentação da abordagem em especialidades, o que se opõe às estratégias de tratamento multidimensional defendidas pela CIPPA (Coordenação Internacional entre Psicoterapeutas, Psicanalistas e Membros Associados que se ocupam de Pessoas com Autismo). Só quem convive com crianças que apresentam um déficit de subjetivação testemunha o enorme espectro de sentimentos, afetos e emoções que permeiam suas vidas, a de suas famílias e de seus terapeutas, independente da formação teórica destes. Este universo não se reduz ao desenvolvimento cognitivo, às neurociências, à neurobiologia, à psicanálise, para citar apenas algumas disciplinas.

Uma abordagem multifatorial implica trabalhar em cocontribuição, abrindo mão de verdades únicas, absolutas e integrando o

científico com o inefável do humano. Numa abordagem multifatorial, o conhecimento psicanalítico almeja construir, na interação com a criança e seus familiares, formas de transformar em emoções um conjunto de sensações sem ligação entre si. Pensamos que a co-construção de narrativas no encontro terapêutico que constitui o processo da subjetivação, propicia a estas crianças o meio para ultrapassar as barreiras que as enclausuram em estados primitivos do desenvolvimento de sua vida psíquica.

Nosso grupo defende a posição de que a psicanálise apresenta uma destacada contribuição, tanto no continente americano como no europeu, traduzida em suas teorizações e, em especial, na comprovada eficácia de aplicação clínica. Pensamos que a validação dos avanços alcançados a partir da observação de bebês e do estudo de patologias precoces do desenvolvimento, deva ser levado em consideração na formulação de estratégias de intervenção em nível de saúde pública com o objetivo de levar as pessoas envolvidas a se beneficiarem com a inegável contribuição da psicanálise no que diz respeito aos processos de subjetivação."

SMED

Iniciamos o ano de 2016 com muitos planos. Afinal, completamos 10 anos da parceria SPPA/SMED. Propusemo-nos a participar dos seguintes eventos científicos: Congresso da Fepal em Cartagena, Simpósio do Departamento de Infância e Adolescência da SPPA, no ITI/POA e na Jornada do CELG.

Para elaborar essas diferentes participações convidamos os colegas do Projeto Pescar e formamos subgrupos que estão desenvolvendo esses textos. Essa atividade conjunta com o Projeto Pescar tem proporcionado uma ampliação das discussões já que são formas de atuação que tem muitos desafios comuns a serem enfrentados.



Além disso, criamos o Grupo de Pesquisa, coordenado pelo colega Carlos Augusto Ferrari, grupo interdisciplinar já que é formado por psicanalistas da SPPA e por assessoras da SMED e que está dando seus primeiros passos no sentido de instituir o desenvolvimento de uma atividade de pesquisa sobre o trabalho que vem sendo realizado nesses 10 anos.

Quanto à atividade principal de nossa parceria SMED/SPPA, que são as Rodas de Conversa entre educadores, psicanalistas e assessoras da SMED, estas estão acontecendo como de costume, nas quartas-feiras dos meses de maio e junho de 2016, na sede SPPA. Nas Rodas deste ano mantivemos como tema "Entre a Liberdade e a Violência: o cotidiano nas escolas de educação infantil". Tivemos uma participação efetiva e entusiasmada dos educadores nos grupos, o que renova a necessidade de aprimorarmos nossa compreensão e disponibilidade no encontro com experiências que nos desacomodam.

A cada ano criam-se impasses entre os protagonistas destas parcerias que exigem de todos determinação para superá-los. Impasses esses inerentes ao desafio do trabalho em grupo e interdisciplinar. Mas também tem sido exatamente esses percalços que tem possibilitado aberturas de novos caminhos.

Enfim, pensamos em comemorar 10 anos com entusiasmo e muito trabalho.

Campo analítico e Corpo serão temas das próximas edições

A Revista de Psicanálise tinha como projeto inicial para este ano a publicação de dois números temáticos: *Campo analítico e Corpo*, em agosto e dezembro, respectivamente.

No entanto, a ótima acolhida relativa ao tema do *Campo*, culminou com o recebimento de muitos artigos de excelente qualidade, ultrapassando as possibilidades de publicação de todos em um único exemplar da Revista. Optou-se, então, por editar dois números: um em agosto próximo, que constituirá Campo analítico I e outro em dezembro, Campo analítico II.

Corpo, por sua vez, será o número 1 de 2017. Os editores estão otimistas com relação ao envio de artigos versando sobre esse tema, principalmente em função do Congresso da FEPAL em setembro, que abordará essa temática, possibilitando que muitos colegas enviem seus artigos apresentados no congresso, com vistas à publicação. Portanto ainda há tempo hábil para o envio de artigos referentes a *Campo ou Corpo* para apreciação e possível publicação nos números de 2016 e 2017.

Está previsto outro número temático no ano que vem, que será publicado em dezembro de 2017: *Ódio*. Além de ser sempre útil estudá-lo enquanto um dos motores da subjetividade humana, instigou os editores o fato do recrudescimento das violentas manifestações que o ódio vem tomando ao redor do mundo na contemporaneidade.

Na edição de agosto próximo, a Revista vai inaugurar a sessão *Responsabi-*

lidade Social, contemplando a fundamental presença e divulgação dos trabalhos de âmbito social da SPPA. Nesse sentido, a Sociedade encontra-se em consonância com a IPA e com grande parte das organizações componentes da mesma. Essas estão engajadas na tarefa de dialogar com suas comunidades, facilitando a recíproca troca de saberes e o desenvolvimento pessoal e grupal de seus componentes. As atividades conjuntas que a SPPA realiza com grupos de adolescentes e seus pais – através do *Projeto Pescar* – ou com professores de escolas infantis – junto com a Secretaria Municipal da Educação (SMED) – vêm sendo realizadas com sucesso há muitos anos, produzindo frutos e questionamentos e enriquecendo a todos os seus atores. Já estava na hora de oferecer um espaço na Revista para sua divulgação e valorização.

Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 130,00

NÚMEROS AVULSOS: R\$ 50,00
CONSULTE ARTIGOS/AUTORES NO SITE
<http://revista.sppa.org.br>

FORMAS DE PAGAMENTO

DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA
SANTANDER – BANCO 033 – AGÊNCIA 1480
CONTA CORRENTE 13000656-2

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
CNPJ: 92.911.304/0003-90
Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail: revista@sppa.org.br
Fax: (51) 3224-3340

SPPA
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
90010-210 - Porto Alegre, RS

Associação de Candidatos

Atividades incentivam integração de candidatos à instituição

A gestão da Associação de Candidatos (AC) 2015/2016 teve o prazer de iniciar o primeiro semestre de 2016 com a 10ª edição do Simpósio Interno Integrado AC/Instituto SPPA, atividade em que o principal objetivo é a apresentação dos trabalhos anuais dos candidatos em seminários e desejar as boas vindas aos que iniciam a formação. Cada vez mais tem sido estimulada a participação de outras categorias de Membros (Associados, Efetivos e Didatas) e a integração destes com os candidatos.

O intercâmbio rico de experiências propiciado pelo evento e a crescente criatividade dos trabalhos elaborados pelos candidatos têm impressionado a todos, deixando um sentimento de orgulho. Os trabalhos apresentados podem ser lidos na íntegra através publicação dos X Anais do Simpósio Interno Integrado, lançado no dia 14 de julho.

Nos dias 8 e 9 de abril de 2016, foi realizada uma atividade inovadora. Ocorreram os primeiros Working Parties organizados pela Associação de Candidatos da SPPA juntamente com o Instituto de Psicanálise da SPPA. Foram realizados três grupos de trabalho, que ocorreram simultaneamente: “A escuta da escuta”, método

de Haydeé Faimberg, coordenado por Cláudio Eizirik e Sérgio Lewkowicz. Ruggero Levy e Zelig Liberman coordenaram o WP “Sobre a Especificidade da Psicanálise Hoje” e José Carlos Calich e Maria Cristina Vasconcellos coordenaram o WP “Métodos Clínicos Comparados”. Esta atividade propiciou profundas discussões e vivências muito ricas para todos.

Os Working Parties são uma parte essencial do progresso do pensamento analítico na IPA, e a participação parece renovar o fascínio pelo método psicanalítico e suas possibilidades. Sendo uma atividade de extrema importância para os candidatos. A adesão e participação dos colegas foram muito satisfatórias, o que comprova a importância deste método de trabalho.

Seguindo no intuito de fomentar nos candidatos uma maior participação nas instituições analíticas ao longo do período de formação, foi realizada ainda, sob a Coordenação da ACSPPA, a escrita de um trabalho em grupo: “O Corpo e a Formação Analítica”, que será apresentado no XXXI Congresso da FEPAL, agendado para os dias 13 a 17 de setembro de 2016, em Cartagena, Colômbia.

FELICIDADE

Há alguns anos, participei na Cidade do México de um encontro de pesquisadores latino-americanos sobre a medição do progresso das sociedades e o bem-estar de seus habitantes. Um dos itens era a felicidade e como construir indicadores que possam medi-la para comparar países. Havia cientistas de várias áreas e os debates eram acalorados.

Enquanto alguns frisavam a importância de boas condições socioeconômicas, outros enfatizavam a centralidade da comunidade e seus valores. Já para um terceiro grupo, a felicidade não passava de uma composição bioquímica de substâncias como serotonina, oxitocina e dopamina. Nessa perspectiva, pessoas com uma boa genética tendem a se sentir felizes na maioria das situações. Já as que não têm essa sorte estão propensas a ser achar infelizes, não importa quão bem aquinhoadas elas sejam.

Recentemente tem havido tentativas de incluir a felicidade como um dos itens das estatísticas nacionais. Os censos lidam com categorias relativamente fáceis de definir, tais como idade, renda, escolaridade, ocupação. Mas como se mede algo tão subjetivo como a felicidade?

Como conceituá-la? Em geral, a felicidade é considerada um bem-estar subjetivo. Quando questionados sobre que lhes proporciona esse bem-estar, os entrevistados citam itens como segurança financeira, fé, bons relacionamentos amorosos, laços familiares sólidos e autoestima.

Um ranking de felicidade divulgado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável, uma iniciativa da ONU, classificou diferentes países. O país mais feliz do mundo seria a Suíça, seguido por Islândia, Dinamarca, Noruega e Canadá. Esses países, como sabemos, caracterizam-se por altos níveis de riqueza e excelentes indicadores socioeconômicos. Mas pergunte a um brasileiro se ele gostaria de passar o resto de suas vidas morando em algum deles, e provavelmente ele dirá que prefere mesmo a bagunça do Brasil e seu calor humano e meteorológico...

Em 2013, o Brasil ficou em 24º lugar nesse ranking. Em 2015, progredimos para o 16º lugar. Você perguntará: mas como é possível

se sentir crescentemente feliz num país com tanta pobreza, desigualdade, criminalidade, corrupção? A resposta é complexa.

Tem-se discutido muito a relação entre riqueza e felicidade. As pesquisas mostram que o dinheiro pode produzir felicidade, mas somente até um certo nível. Uma pessoa que ganha salário mínimo certamente ficaria mais satisfeita em ter seu rendimento mensal triplicado. Isso lhe proporcionaria uma série de bens e serviços com os quais sonha, mas não consegue alcançar. Já para quem tem uma renda mensal de 100 salários mínimos, passar a ganhar três vezes mais provavelmente não terá um efeito que produza muito maior felicidade.

Família e comunidade são, em geral, apontadas como instituições mais importantes que o dinheiro. Ter um núcleo familiar que proporciona afetos e uma comunidade à qual se pertence constituem vínculos fundamentais para assegurar um sentimento de bem-estar. O mesmo vale para uniões afetivas. Existe uma relação

Família e comunidade são, em geral, apontadas como instituições mais importantes que o dinheiro. Ter um núcleo familiar que proporciona afetos e uma comunidade à qual se pertence constituem vínculos fundamentais para assegurar um sentimento de bem-estar



*Ruben George Oliven**

direta entre bons casamentos e níveis elevados de felicidade, e maus casamentos e sofrimento, independentemente do nível de renda.

Talvez o que conte mais no sentimento de satisfação pessoal não sejam tanto as condições objetivas de renda e posses, mas as expectativas dos indivíduos. Todos nós temos grupos de referência com os quais nos comparamos. Isso suscita diferentes perguntas. Como está minha vida comparada com a de meus pais quando eles tinham minha idade? Como estão meus irmãos? Como estão meus amigos de infância e colegas de colégio? E como estarão meus filhos quando tiverem a minha idade?

Além de fatores objetivos como renda e saúde, o que conta muito é o sentido que é dado à vida. Por isso, crenças são um fator importante. Elas podem ser religiosas, políticas ou mesmo difusas. Se acredito que minha existência conta e que ela vai continuar com os meus descendentes, fica muito mais fácil enfrentar as dificuldades que fazem parte da vida.

A alegria de viver também conta muito nesse processo. Existem países em que há uma espécie de mau humor institucionalizado. Reclamar da vida faz parte do cotidiano. Já no Brasil ocorre quase o contrário. Aqui, há um clima contagiante em que tudo é celebrado, principalmente a vida. Como dizia Oswald de Andrade: a alegria é a prova dos nove. Ponto para nós...

** Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e membro da Academia Brasileira de Ciências*

O Intercâmbio entre a SPPA e a Cultura

Cada vez mais a SPPA vem procurando ampliar os debates com a Comunidade

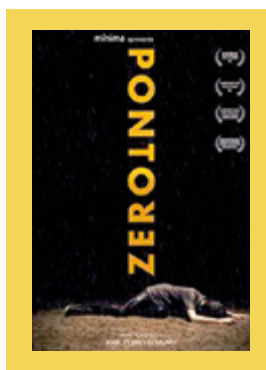
O intercâmbio com as várias áreas da Cultura segue sendo uma busca constante. Temos tido a oportunidade de experienciar ricos momentos que promovem importantes e profundas reflexões.

Neste primeiro semestre de 2016, o já tradicional Café Literário - parceria com a Saraiva do Moinhos Shopping - aconteceu sempre nas segundas terças-feiras de cada mês, um momento estimulante para debates entre a Literatura e a Psicanálise.

A Psicanalítica também esteve presente no Teatro: "O Lugar Escuro" (sob direção de Luciano Alabarse), debate que contou com a presença de colegas da SPPA discutindo questões relacionadas ao tema da peça através do vértice da Psicanálise.

Ainda neste primeiro semestre, tivemos grande número de estudantes de Psicologia da Capital e do interior do estado que estiveram em visita agendada à sede da SPPA (Programa Portas Abertas). Visitas estas que foram coordenadas por membros da SPPA, cujo o enfoque era mostrar o espaço físico da mesma, bem como fazer uma exposição detalhada sobre a formação psicanalítica, atividade profissional do psicanalista e apresentar as várias atividades científicas e com a Comunidade promovidas pela SPPA.

Temos uma nova edição do, também já tradicional, Ciclo de Estudos, atividade oferecida por colegas da SPPA para alunos e/ou profissionais de Psicologia e Medicina e um grupo para o público leigo, cujo o enfoque é o estudo de temas da Psicanálise clássica e contemporânea.



Além de todas estas atividades, tivemos a satisfação de participar do debate sobre o filme "Ponto Zero", dirigido por José Pedro Goulart, que aborda a conflitiva adolescente.

Café Literário de junho analisou a obra "O Homem que Amava os Cachorros"

As várias atividades científicas do semestre - Conferência O Caótico Século XXI, Auschwitz e os limites do Representável, o Simpósio da Infância e Adolescência, entre outras...refletiram, pelo grande número de inscritos, o interesse que a Psicanálise segue despertando na Comunidade.

Katia Wagner Radke, Diretora de Divulgação e Comunidade com os estudantes no Programa "Portas Abertas"



Teatro com Debate: "O Lugar Escuro"

